trabalhei. Porque, se você dirigir 600 quilômetros para o oeste de São Paulo, verá que esse país é paraguaio, cara. A gente se mistura, é uma característica cultural nossa.

89 - O que te estimula mais no processo criativo, um grande amor ou uma grande viagem em todos os sentidos, uma grande piração?
Bonassi - Um grande sentimento é uma grande piração. Nada que eu escrevi sob efeito de drogas prestou. Escrever um livro é uma grande piração. Inventar uma história e ficar nela meses escrevendo é como ter um grande sonho acordado. Agora, estar amando, apaixonado, é muito bom, ajuda em qualquer coisa nessa vida, até pra dirigir.

89 - Esta atual fase de separação é profícua para seu trabalho?
Bonassi - As separações são dolorosas e te abrem coisas. Foi um casamento longo — é um casamento longo, ainda não estou muito certo disso. Às vezes, a gente se esquece que os sentimentos têm de estar em primeiro plano. A loucura da vida está em você estar em sentimento de alerta o tempo todo. E, como a gente é muito ignorante, em geral vai se habituando a uma transa, a uma relação, e vai esquecendo essa loucura. Então, não diz que está infeliz quando está infeliz, que está feliz quando está feliz. Aí, vai perdendo a chance de ser sempre feliz. Acho que caguei em algumas coisas, em não dizer o que sentia. Espero consertar se puder.

89 - Quem são "seus" grandes autores?

Bonassi - Os grandes caras que eu leio são Lou Reed, Jim Morrinson. Tem o Henry Miller, o Hemingway, o Rubem Fonseca, o Graciliano Ramos, mas aprendi muita coisa com o rock. O Win Wenders (cineasta alemão) diz que o rock'n'roll é uma forma de conhecimento. Pô, não dá pra pensar os anos 60 sem Satisfaction e por aí vai. Os maiores poetas do Brasil estão fazendo música – Caetano, Racionais, Paralamas, Pavilhão 9, isto é poesia brasileira, que está fora da universidade, fora do gosto dos acadêmicos. Daqui a 50 anos eles engolem, são lentos mesmo.

89 - Você diz que escreve pra acabar com um certo desespero e, ao mesmo tempo, que não tem preocupações com o leitor. Qual a relação entre o desespero, a "não preocupação" e a necessidade de vender livros?
Bonassi - O mundo, como esta aí, é dos idiotas. Emocionalmente, as pessoas vivem muito mal. Então, quero me livrar disso, ver se consigo um lugar legal pro meu coração. Escrever me coloca nesse lugar legal, atenua meu desespero de estar vivendo nesse lugar tão imbecil, feito para os imbecis. Se você é honesto, se você fala claro, tá numa boa. As pessoas ao lerem o que você escreve sentem, e aí você vende livro. Na literatura eu faço o que gosto e tem vendido. Não dá pra trocar de carro, mas dá pra trocar de motor de vez em quando.

89 - Na sua opinião, existe preconceito contra falar de amor?
Bonassi - O sentimento de amor é fundamental pra todo mundo, as pessoas estão melhores quando estão amando e estão piores quando estão com problemas nessa área. Este é um mundo que banaliza tudo, inclusive o amor. A indústria cultural, as rádios, as televisões, os livros e as pessoas banalizam o sentimento de amor. Ele é muito louco e é desestruturador da sociedade. Imagine todo mundo apaixonado, se entregando à paixão! Quem ia abrir o banco de manhã? *Quem ia levar maçã pra quitanda?* Ninguém, meu, ninguém.

89 - O amor é mesmo uma dor feliz?
Bonassi - Com certeza. Amar é um troço doloroso. O amor tem uma coisa de você formar uma relação junto, não é incondicional, e isto é muito difícil. Amor incondicional, pra mim, acaba em crime. Eu não sei, pra mim, que sou homem, é muito difícil me dividir, entrar em relação, precisa de muita humildade, que eu não tinha e estou tendo que aprender.

GIRO

LIVROS

O punk (ou o que restou dele) tá embalado a vácuo nas prateleiras dos supermercados. Pintar os cabelos, usar roupas "agressivas" deixaram de ser algo repugnante já faz tempo. O suposto punk é o mauricinho estilizado, que quer agredir os pais ou que tem ambições de socialite. É claro que existem as exceções. Mas, resumindo, o lance é que, com essa coisa de globalização e queda das ideologias, o punk foi violentamente desgarrado de suas propostas originais e virou jargão comercial. O livro **Mate-me por Favor** (L&PM Editores) é um resgate às origens do movimento e à sua importância cultural – e só por essa razão já vale. Ele remonta toda a história do punk, desde os primórdios do movimento, no final dos anos 60 até o ano de 92, quando o grunge de Seattle estourou. O livro é um maciço de entrevistas, em que os próprios artistas que participaram da gênese do movimento dão as mais variadas versões sobre esse que ainda é um dos mais incompreendidos fenômenos pop.

hISTÓRIA pUNK

por André Vinicius Tatu

Nas vozes de gente como Iggy Pop, Lou Reed, Sid Vicious, Patty Smith, entre outros, os autores Legs McNeil e Gillian McCain conseguem trazer de volta toda a agressividade inicial do punk. Aquela atitude visceral, ácida, rebelde e criativa, junto com as insatisfações. Enfim, Legs e Gillian trazem à tona o desejo de atacar o mundo que guiou o movimento punk e contam como esse desejo foi se dissipando com o passar do tempo. Quem se identifica de alguma forma com a sonoridade e a postura desse conturbado movimento sóciocultural vai devorar **Mate-me por Favor** com vontade.
O livro é interessantíssimo. Primeiro pelo assunto em si, e depois pelo conteúdo das entrevistas, que em alguns trechos beiram à poesia. De leitura ágil e fácil. Obrigatório.